ACOLHIDA E RELAÇÃO ADULTO-CRIANÇA NAS INSTITUIÇÕES

“Acolher as crianças não é um gesto de um certo período do ano ou do dia, acolher é uma atitude do adulto frente ao mundo da criança” (BITENCOURT, et al., 2019, p. 150).

A partir do pensamento acima, a chegada da criança na escola, comumente chamada de período de adaptação, requer afeto, cuidado, sensibilidade e planejamento específico, que não se encerra em um período determinado do ano. Sempre que uma nova criança chegar ou após períodos de feriados ou finais de semanas, ou quando manifestada alguma necessidade individual de uma criança ou do grupo, se dará um novo processo de adaptação. Mesmo que as práticas cotidianas vivenciadas na instituição escolar possam ser experiências, por vezes, semelhantes às que acontecem na vida familiar das crianças, estas precisam ser intencionalmente organizadas no intuito de acolhê-las em suas necessidades e singularidades.

O ambiente coletivo exige que a equipe pedagógica, junto com os demais profissionais, planeje possibilidades para acolher as chegadas e partidas das crianças, assim como sua permanência na escola, observando e garantindo momentos de experiências significativas e desafiadoras na instituição. Nesse sentido, o adulto precisa, durante as ações e intervenções, ter sensibilidade e reconhecer o protagonismo das crianças. Para tanto, é preciso mediar situações para que elas tenham voz, possam ouvir e serem ouvidas, além de escolher participar ou não de uma atividade, ou ainda, ficar só em um espaço aconchegante, se assim quiserem. Isso significa respeitar e acolher o direito de PARTICIPAR e EXPRESSAR das crianças.

A relação de parceria entre família e escola é outro fator essencial para o acolhimento das crianças na educação infantil, pois constitui-se como um dos elementos essenciais na organização do trabalho pedagógico. Ambas precisam se atentar às manifestações de insegurança por parte da criança, tais como: o medo, a irritação, o choro, a necessidade de ficar afastado do grupo ou mais próximo do professor. Neste caso, as crianças precisam ser acolhidas e compreendidas para ressignificarem essas emoções, e ampliarem seu grupo de CONVIVÊNCIA.

Nesse processo a afetividade é um fator essencial: o olhar e a escuta atentos, o toque e o colo que acalmam e aconchegam e o diálogo respeitoso e sensível são atitudes que os profissionais envolvidos no cuidar e educar precisam primar constantemente nas relações estabelecidas com as crianças e suas famílias.

Dessa forma, sendo de fato acolhida, é possível que a criança se perceba respeitada e parte deste grupo específico, preservando sua segurança e sua autoestima, contribuindo para que estabeleça relações positivas com outras crianças e adultos. Com isso, as crianças têm a oportunidade de viver coletivamente fazendo trocas, partilhas, negociações, apropriando e exercitando as regras de convívio social.

Sendo assim, é preciso que todos os profissionais que atuem com as crianças tenham atenção, cuidado e sensibilidade ao conversar com elas, seja para orientá-las, explicar algo, direcionar uma ação ou conversar sobre o cotidiano. Também,atentar-se ao tom de voz, as expressões faciais, a postura corporal adequada são imprescindíveis para estabelecer esse acolhimento e afetividade. Abaixar-se à altura da criança estabelecendo contato com o olhar e dar-lhes diretivas que elas possam compreender, favorecendo a autonomia, o sentimento de segurança e a confiança, além de possibilitar a construção de vínculo entre a criança, o grupo e a instituição.

Diante das questões apresentadas, sugerimos pontos importantes que deverão ser observados para auxiliar no planejamento constante e na postura atenta e sensível dos diferentes profissionais que convivem com as crianças**:**

- Elaborar entrevista com as famílias para conhecer as singularidades de cada criança, estreitando os laços com os mesmos;
- Organizar reuniões com as famílias e os professores/assistente, para explicar as diversas manifestações das emoções da criança;
- A todas as crianças, sempre que necessário, é preciso flexibilizar os horários da rotina (entrada, propostas etc.), respeitando o ritmo de cada uma; o que, por vezes, resultará em horários diferentes para crianças de um mesmo grupo;
- Permitir que utilizem seus objetos de apego (de transição), seja um brinquedo, a chupeta, um “paninho”, um travesseiro, ou qualquer outro objeto afetivo, até que os mesmos tornem-se “desnecessários”;
- Planejar e organizar o ambiente, de modo que, ao receber as crianças, se apresente aconchegante e convidativo a elas, possibilitando a exploração de diferentes espaços (cantos com jogos, livros, brinquedos), considerando ainda os espaços externos enquanto possibilidade de acolhimento;
- Planejar atividades e experiências que possibilitem momentos lúdicos, contemplando as múltiplas linguagens, adequadas a cada faixa etária.
- Organizar a rotina, o tempo e o ambiente respeitando o ritmo individual das crianças, inclusive em relação ao sono, às necessidades fisiológicas, às sensações térmicas, à alimentação etc.;
- Oferecer colo, afeto, aconchego e carinho sempre que a criança chorar, uma vez que este, é uma das formas de linguagem infantil, expressando sentimentos e emoções que não conseguem dizer de outras maneiras;
- Compreender que a alimentação e a higiene são momentos privilegiados de aprendizagem, por isso, devem ser mediados pelo diálogo constante, inclusive antecipando as ações que ocorrerão,

(explicar as etapas do banho, por exemplo, antes que elas ocorram, dando maior segurança à criança do que irá ocorrer em seguida);

- Considerar a idade da criança e a especificidade de cada espaço escolar quanto ao uso do berço e, sempre que possível, substituí-lo pelo colchonete. Salientamos que o berço, o bebê conforto, o carrinho e cadeira de alimentação não devem ser utilizados no intuito de conter os movimentos da criança;
- Garantir que as relações estabelecidas entre os adultos e as crianças nas instituições sejam pautadas pela ética, superando toda e qualquer intenção de castigo, punição e ações disciplinares que exijam controle corporal e da fala das crianças.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Alexandra Flores. Uma jornada de muitas histórias. In: FOCHI, Paulo (Org.). **MINI-HISTÓRIAS -** Rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

CAMPO GRANDE. **Referencial Curricular da Educação Infantil** - REME. Gerência de Educação Infantil/SUPED: SEMED, 2020.

Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos!

Atenciosamente,

Gerência da Educação Infantil.